Crucifixo de aplicação em encadernação (MNAA 493 Met)

ESTA PLACA de aplicação (493 Met) pertenceu à coleção de Francisco Barros e Sá e foi incorporada no MNAA, em 1981. O eminente colecionador, natural de Santarém, desenvolveu um gosto muito particular "por tudo o que fossem metais…", o que lhe despertou um grande interesse científico e investimento em torno de artefactos de Ourivesaria. Entre as décadas de Trinta e Sessenta do século XX reuniu um vasto conjunto de objetos, estreitando relações privilegiadas com conhecidos antiquários, historiadores e colecionadores. Em 1969, de acordo com Grancho, decidiu legar ao MNAA, "todas as peças" da sua casa que fossem consideradas "de valor arqueológico, artístico ou documental", doação aceite e executada em 1981.

Apesar do interesse e qualidade do legado, nada sabemos sobre a origem e proveniência desta peça. No entanto, na etiqueta manuscrita colada no reverso, e redigida certamente pelo punho do colecionador, pode ler-se: "Crucifixo de Limoges. Último quartel [sublinhado] do século XII. A cruz é esmaltada em champlevé, sendo o Cristo contornado a dourado (a silhouette reservé) tendo em cima o sagrado monograma "XPS" e em baixo o supedâneo em esmalte vermelho escuro. Cristo em bronze ou cobre dourado, aplicado sobre este fundo e cingido ao seu contorno."

Trata-se, pois, de uma peça de cobre (19,3 x 13,1 cm e 200,3 g), esmaltada em *champlevé* e originalmente dourada, apresentando atualmente apenas ligeiros vestígios. São visíveis algumas perdas de esmalte, sobretudo em torno dos furos destinados aos elementos de aplicação à alma de madeira, provocados certamente pela separação, eventualmente repetida, do(s) suporte(s) origina(is). A policromia está de acordo com a tradição limusina, que privilegia o azul para os fundos e combinações sequenciais de cores frias e quentes: branco, azul claro, azul escuro e vermelho; amarelo, verde, azul escuro e vermelho. Os esmaltes preenchem círculos, losangos e quadrifólios, distribuídos uniformemente pela superfície. A cruz, de braços largos e feição latina, dispõe de um cruzeiro circular e amplo, que favorece e nobilita a figura do Cristo. Uma segunda cruz esmaltada, em azul, verde e amarelo, continuada pelo nimbo cruciforme, esmaltado com as mesmas cores e alguns apontamentos de vermelho, facilitavam a colocação da figura aposta, centralizando-a.

A imagem em relevo do Cristo, obtida por fundição, apresenta atualmente poucos vestígios do douramento original. A figura enquadra-se na tipologia do *Cristo Triunfante*, com a cabeça voltada para a direita, ainda vivo e de olhos abertos, estes assinalados por duas gotículas de esmalte escuro. Uma grande coroa repousa sobre a sua cabeça, reafirmando a Sua vitória sobre a morte e a conquista do Reino dos Céus. A mensagem é reforçada pela Mão de Deus que emerge da nuvem, colocada na parte superior do *stipes* e acima do *titulus* com a inscrição "XPS" [CHRISTOS]. Esta iconografia, concordante com a representação do Salvador no século XII, estreita a relação entre o Pai e o Filho "muito amado", o Cordeiro imolado na cruz para cumprimento das Escrituras. As desproporções anatómicas são ainda evidentes, sobretudo na relação entre os membros e as grandes mãos e pés, estes separados e fixos com dois pregos ao supedâneo, que se destaca pelo esmalte encarnado. Os contornos pronunciados do esqueleto, o ventre ligeiramente proeminente, a perna esquerda sobreposta à direita e o pano da pureza longo até aos joelhos, com

Crucifixo de aplicação em encadernação (MNAA 493 Met)



pregueado assinalado por linhas circulares, anunciam, no entanto, uma plástica de gosto ducentista.

Não é possível determinar com precisão a função original desta peça. Os catorze orifícios visíveis confirmam apenas que foi criada para ser pregada a uma alma de madeira. Santos considera tratar-se de uma placa central de cruz ou cofre. A relativa abundância de objetos da mesma tipologia conservadas em museus forâneos, permite antes considerar a hipótese de ter servido como placa de encadernação. Estas cruzes eram pregadas à capa do livro, em madeira, e eram acompanhadas por outros placas com as representações de Nossa Senhora e de São João Evangelista, em cada um dos lados da cruz, e anjos na parte superior. Estas luxuosas coberturas de livros litúrgicos tinham a dupla função de proteger e nobilitar o livro, contribuindo para o enriquecimento dos tesouros das igrejas. O caráter estereotipado das figuras e a repetição dos modelos, produzidos em série para satisfação de um amplo mercado religioso, não favorecem uma datação exata para estas peças. Pelas suas características, atrás referenciadas, esta do MNAA poderá ter sido executada durante a primeira metade do século XIII (eventualmente primeiro quartel), período fértil no que toca à produção desta tipologia de objetos.

Texto: ACS - Foto: JNG

Bibliografia

GRANCHO, N.C., 2018, pp. 328-330; IPM, 2003a, p. 77; SANTOS, A.P.M., 2016, II, n.º 4; SANTOS, A.P.M., 2018, pp. 140-141; SANTOS, A.P.M., 2021, p. 54.

Cruz de cobre dourado (MNAA 398 Met)

A CRUZ PROCESSIONAL DE COBRE DOURADO (54,8 x 39 cm e 1695,5 g) pertenceu à coleção da Casa Real. Oriunda do Palácio das Necessidades, integra o acervo do MNAA desde 1957 (Inv. 398 Met). Incorporou o conjunto de peças expostas na *Exposição de Arte Ornamental de Lisboa*, de 1882, na qual foi indicada como pertencente à coleção de "Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz". Na de *Arte Sacra Ornamental*, de 1895, organizada pela Comissão do Centenário de Santo António de Lisboa, foi arrolada entre as peças de "sua majestade El-Rei", o que confirma a sua ligação ao Tesouro da Coroa. Em ambos os catálogos foi classificada de "stylo bysantino", sendo datada do século XIII no segundo. Vilhena de Barbosa, citado por Emília Ferreira, escreveu que os Bens da Coroa incorporavam peças provenientes de "extinctos mosteiros" para uso dos soberanos, podendo ser o caso desta peça em análise. Segundo o autor, estas serviram para compensar as peças de prata da Casa Real enviadas por D. Pedro IV à Casa da Moeda de Lisboa, onde foram convertidas em dinheiro.

Em termos formais, trata-se de uma cruz grega pateada, com os braços em crescendo a partir do clípeo central. As extremidades são assinaladas por três esferas (excetuando a haste inferior com apenas duas), tal como é habitual nas cruzes de tradição bizantina desta cronologia e tipologia. A peça está integrada num pé constituído por nó esférico liso, de tamanho reduzido e cano hexagonal, que apresenta uma fissura no ponto de união. Este apresenta duas faces decoradas com frisos de meandros ou "gregas" de herança clássica, muito desgastados pelo uso. O douramento desapareceu quase na totalidade, mas ocultava originalmente o ponto de união das duas partes que compõem a esfera e o cano, atualmente visíveis. O nó está unido à cruz através de dois apêndices pregados na extremidade inferior do estipe, sobrepondo-se em parte às palmetas recortadas e de bom talhe, certamente as originais, idênticas às existentes em outras cruzes da mesma tipologia. Os elementos apensos à esfera são um tanto grosseiros (quando comparados com a delicadeza das palmetas) e denunciam várias intervenções. Esta particularidade, associada à forma sextavada do cano, sustenta a hipótese de o pé ser mais tardio do que a cruz.

No anverso, as superfícies lisas da cruz são apenas interrompidas pelos elementos iconográficos frequentes nas peças desta cronologia, com os contornos gravados a buril. A cabeça do Cristo, bem ajustada à forma do clípeo, está enquadrada num largo nimbo cruciforme, com elaborado gravado reticulado. Os cabelos, bem alinhados em torno do rosto, são longos e caem soltos sobre os ombros. Está tombada para a direita, com os olhos semicerrados e boca descaída em sinal de sofrimento, reforçando-se neste programa a ideia da morte sacrificial de Jesus e respetiva natureza humana, que começa a vigorar a partir do século X. Os elementos do rosto, cuidadosamente assinalados, os cabelos, a barba e o nimbo revelam vestígios de douradura nas incisões, o que contribui para destacar atualmente a